

Director, editor e proprietário  
**Antonino Dias Pinto de Castro**  
—  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4315

# Notícias de Guimarães

A' Ex.ma  
Sociedade Martins Sarmento  
Guimarães  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

## Esforço de Paz e de boa vontade

Os tristes acontecimentos registados em Dadrá e no enclave de Nagar-Aveli e as ameaças que pesam sobre as outras possessões portuguesas na Índia, têm tido extraordinária repercussão em todo o Mundo. Verifica-se que a causa de Portugal — que é a causa da Razão, da Justiça e do Direito — encontra uma ambiência internacional que dissipa dos espíritos menos prevenidos quaisquer sombras de dúvidas ou interpretações menos conformes com a veracidade dos factos.

Na realidade, mister se torna pôr em relevo as espontâneas manifestações de sincera solidariedade de muitos Povos que, na agressão dos mercenários, apoiados pelo Governo da União Indiana, vêm, não apenas o violento ataque a um País ordeiro e pacífico, mas, de igual modo, um desafio ousado à Paz, já tão periclitante.

Os inimigos da Pátria encontram-nos firmes e coesos, resolutos e dispostos ao sacrifício, porque nesta emergência tão grave todos os portugueses esquecem afrontas e posições ideológicas para formarem um só bloco.

Esta unidade nacional, estruturada nos nobres e inconfundíveis sentimentos da raça, no orgulho lógico e humano de uma história grandiosa e soberba de lances épicos, é uma grande lição e um exemplo singular de soberania espiritual.

Nessas terras longínquas da Índia, Portugal afirma direitos inalienáveis de hegemonia territorial e uma forte e indestrutível realidade étnica, nos fenómenos da sua sobrevivência, do seu sentir e pulsar de quatro séculos — espírito, carne e sangue do mesmo corpo.

Até à Índia vão, portanto, as nossas fronteiras geográficas e espirituais — e isto é uma verdade, uma certeza, um direito que os bandos de Nehru não podem nem devem aniquilar.

Portugal está a fazer um supremo esforço de Paz e de boa vontade.

O texto da proposta fornecida há dias à Imprensa mundial, pelo sr. prof. dr. Paulo Cunha, ministro dos Negócios Estrangeiros, para o envio de observadores imparciais aos limites das duas Índias, é uma prova cabal e inofensível desse esforço, que tende ainda a salvaguardar os princípios seculares de um ocidentalismo renovador e cristão.

Afirma-se no texto «que está o Governo Português convencido de que o merecimento da sua proposta se impõe por si mesmo. Ninguém negará que corresponde a uma firme vontade de esclarecimento da situação, tornando transparentes os factos e as atitudes».

Assim acontece. E os argumentos, por persuasivos e coerentes e por corresponderem a uma sincera ambição de Paz, mereciam ser meditados — e bem meditados — pelos senhores da União Indiana.

Oxalá assim tivesse acontecido... A comunicação feita por Salazar, no dia 10, ao País, sobre os acontecimentos da Índia, é um depoimento sereno, equilibrado, sóbrio, de deduções morais e jurídicas eloquentes, que alcançou notável repercussão.

Na análise dos acontecimentos que se têm desenrolado e na maneira de apreciar a responsabilidade de quem instiga e apoia as hordas de um novo barbarismo, o Chefe do Governo não estabeleceu uma discrepância sequer que pudesse desmentir, sem menosprezar a nossa Razão e o nosso Direito, que são sobranceiros ou diminuir o conceito da soberania histórica, o nosso esforço de manutenção de Paz e concórdia entre as gentes.

A alocação do sr. dr. Oliveira Salazar revela, com admirável objectividade, aspectos transcendentais da questão, exprimindo conceitos jurídicos e razões morais que não devem confundir-se com opiniões políticas de fácil sofisma.

O sr. Presidente do Conselho, afirmou: «Nos mares e terras do Oriente, a Índia Portuguesa representa um tipo bem definido de cultura e de civilização, uma característica expressiva ocidental. Pequena e modesta que seja, tem sido e pode continuar a ser ponto de encontro e traço de ligação entre o Oriente e o Ocidente. Não serve de apoio a política ou sentimentos hostis para com as populações que povoam o subcontinente indiano. É o veículo de uma chama de fé, o fermento de uma concepção diferente de vida. Por tais motivos, concluiu não poder o destino do nosso Estado da Índia ser objecto de negociações

em que Portugal dele abrisse mão como coisa a dar ou a vender; seria uma negociação sobre objecto impossível».

O fenómeno humano da Índia Portuguesa, que desde Albuquerque se consolidou em características ráticas inconfundíveis, num paralelismo de concepções sociológicas uniformes, afastou qualquer ideia de colonialismo. Na Índia fomos sempre o mesmo Povo.

O esforço de Paz e de boa vontade de Portugal, tem-se afirmado ao Mundo de exuberante maneira — sem confusões, sem fraquezas, sem cobardias, como disse o sr. dr. Oliveira Salazar:

«Neste lamentável conflito que a União Indiana nos impõe, temos sem dúvida a razão do nosso lado. Para saná-lo, para evitar que chegue às últimas consequências, o Governo tem lançado incansavelmente mão de todos os meios — políticos, diplomáticos, militares — de que pode dispor, sem se arredar da prudência que as circunstâncias lhe impõe e da linha de dignidade exigida pela justiça da causa e pelo carácter sagrado do nosso direito».

A nossa posição está definida. Ainda bem que o Mundo nos compreende e reconhece o nosso Direito e a nossa Justiça. Por vezes, as paixões alucinam os homens e cegam-nos às causas que importam à dignificação e ao prestígio das gentes. Mas, nesta conjuntura, é consolador verificar que a consciência mundial soube reagir para sancionar razões indestrutíveis, confirmando direitos de uma soberania secular e inalienável.

em que Portugal dele abrisse mão como coisa a dar ou a vender; seria uma negociação sobre objecto impossível».

O fenómeno humano da Índia Portuguesa, que desde Albuquerque se consolidou em características ráticas inconfundíveis, num paralelismo de concepções sociológicas uniformes, afastou qualquer ideia de colonialismo. Na Índia fomos sempre o mesmo Povo.

O esforço de Paz e de boa vontade de Portugal, tem-se afirmado ao Mundo de exuberante maneira — sem confusões, sem fraquezas, sem cobardias, como disse o sr. dr. Oliveira Salazar:

«Neste lamentável conflito que a União Indiana nos impõe, temos sem dúvida a razão do nosso lado. Para saná-lo, para evitar que chegue às últimas consequências, o Governo tem lançado incansavelmente mão de todos os meios — políticos, diplomáticos, militares — de que pode dispor, sem se arredar da prudência que as circunstâncias lhe impõe e da linha de dignidade exigida pela justiça da causa e pelo carácter sagrado do nosso direito».

A nossa posição está definida. Ainda bem que o Mundo nos compreende e reconhece o nosso Direito e a nossa Justiça. Por vezes, as paixões alucinam os homens e cegam-nos às causas que importam à dignificação e ao prestígio das gentes. Mas, nesta conjuntura, é consolador verificar que a consciência mundial soube reagir para sancionar razões indestrutíveis, confirmando direitos de uma soberania secular e inalienável.

Como era de esperar, causou justificado contentamento a notícia da criação do Curso Geral de Comércio na Escola Técnica desta cidade, não só pelas grandes e úteis vantagens que o mesmo proporcionará aos portadores do seu diploma, mas ainda porque a sua integração no plano do ensino ministrado na mesma Escola representa um acto de clara e evidente justiça para com esta terra que ainda se encontra bastante afastada do grau de progresso a que tem irrefutável direito.

A natureza, a quantidade e a variedade das suas indústrias, assim como o potencial do seu comércio, são factores suficientes para justificar a existência de uma Escola Industrial e Comercial à altura da sua missão dentro das respectivas actividades para as quais se torna indispensável uma preparação profissional intimamente ligada à evolução e ao aperfeiçoamento das mesmas. Além disso, trata-se de uma Escola Técnica das mais antigas do país — pois a sua existência data de há quase três quartos de século — circunstância que, com certeza, valoriza o imperativo que determinou a sua criação nesta região, já então de reconhecido valor industrial.

Em 1925, foi transformada em Escola Industrial e Comercial, passando — a partir dessa data — a funcionar o Curso de Comércio e desaparecendo, assim, uma lacuna que, de facto, prejudicava a eficiência da sua existência.

No entanto, apesar da grande distância que separa o presente da data da criação do referido Estabelecimento de Ensino, a sua prosperidade não tem acompanhado a projecção das necessidades que reclamam uma organização mais completa e, portanto,

mais eficiente do ensino ali ministrado, não obstante os resultados, dentro das possibilidades existentes, não serem desanimadores, como, aliás, o têm demonstrado as exposições dos trabalhos escolares referentes a cada ano lectivo e designadamente a última, conforme a própria Imprensa o revelou em sugestivos e lisongeiros comentários.

E agora, com a recente criação do Curso Geral de Comércio, correspondente ao 5.º ano do Liceu em habilitações literárias e consequentes regalias, quer para o exercício de funções públicas, quer para acesso às Escolas do Magistério Primário e Institutos Técnicos, a Escola Técnica de Guimarães passará a ocupar um lugar de maior relevo na escala deste ramo e grau de ensino, de harmonia com uma das justas aspirações dos vimezanenses. Por outro lado — e segundo informações de origem autorizada — o funcionamento do referido curso tornará possível a criação de outros que, como aquele, igualmente concorrerão para o acentuado progresso da Escola e os subsequentes benefícios para a sua população escolar.

Como se vê, não há mal que sempre dure e antes de darmos por findas estas despretensiosas considerações, desejamos salientar a atitude do Conselho Municipal e da Câmara perante os precedentes da boa nova deste importante melhoramento, aquele porque dispensou o melhor acolhimento à sugestão que lhe foi feita nesse sentido, na sessão ordinária de Fevereiro do ano corrente, e esta porque não hesitou em transformá-lo em realidade pela parte que lhe dizia respeito, isto é, pedindo a sua criação e responsabi-

lidade.

zando-se pela parte do encargo que lhe venha a caber com a manutenção desse Curso.

Parabéns, pois, a Guimarães.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

Passou ontem um novo aniversário sobre a Batalha de Aljubarrota, uma das mais belas páginas de Heroísmo e de Fé da nossa História.

Ao evocarmos o glorioso facto — que consolidou a Independência Nacional — e as nobres figuras de D. João I e de Nuno Álvares Pereira, prestamos homenagem a todos os bravos portugueses que contribuíram com a generosidade do seu sangue e com a heroicidade dos seus feitos para o esplendor de uma vitória que, desde tempos remotos, projecta na Alma da Nação a esperança de vida e a certeza de continuidade, em imorredoiros destinos.

Nesta hora dolorosa, em que corre perigo o património material e espiritual que Grandes de antanho nos legaram, nas paragens longínquas da Índia, sejam essa esperança e essa certeza o penhor sagrado de uma nova Epopeia Nacional.

## Factos e Impressões...

### A agressão de Nehru

Com todos os subterfúgios e hipócritas manifestações, o Pandita Nerhu não consegue alijar a responsabilidade dos gravíssimos acontecimentos registados em possessões portuguesas na Índia.

As hordas agiram em obediência a um plano estudado. Não há dúvida nenhuma que esse plano teve a inspiração das altas esferas indianas e, a sua execução, o apoio de forças regulares, se não por uma intervenção directa ao menos pela aproximação e pela presença de contingentes bem adestrados e armados.

Nerhu cai no ridículo confessando-se irresponsável pelo que se tem passado. As manobras são suficientemente conhecidas e a vilania dos

## OS «RAPAZES» da Marcha Gualteriana vão ser homenageados como merecem

O conceituado industrial sr. Joaquim de Sousa Oliveira, de Vilela, sugeriu-nos, conforme já aqui noticiamos, que se promovesse uma homenagem — aliás justíssima e oportuna — aos bravos promotores da *Marcha Gualteriana* que este ano, como todos constatarão, atingiu um maior esplendor. É firmando, como é sua noíma, a promessa feita, aquele nosso amigo e devotado Vimezanense, fez-nos entrega da quantia de mil escudos, com a qual se abre, hoje, a subscrição para custear as despesas da homenagem em projecto.

Ao mesmo tempo que aqui registamos o facto, louvando-o, queremos afirmar a convicção em que estamos, de que outros Vimezanenses e admiradores da inegalável *Marcha*, de que todos tanto nos orgulhamos, seguirão o gesto do sr. Sousa Oliveira, contribuindo com seus donativos e dando até, se o desejarem, quaisquer alvitres para a festa que vai realizar-se, para premiar o esforço de um punhado de nossos conterrâneos que, uma vez mais, quiseram pôr à prova os seus sentimentos de bairrismo e o conseguiram por forma a bem merecerem de todos nós.

Aqui registaremos, a partir de agora, todas as importâncias que nos sejam confiadas e as sugestões que sobre o assunto venham a ser feitas.

zando-se pela parte do encargo que lhe venha a caber com a manutenção desse Curso.

Parabéns, pois, a Guimarães.

A. B. C.

A. B. C.

métodos já não lança poeira nos olhos do mundo. E' capcioso, o cavalheiro...

Que o Pandita está a transformar-se num pobre títere — uma espécie de autómato... — servindo inconfessáveis ambições de certo imperialismo, nada nos custa acreditar. Que seja ainda um bonifrate atrevido e reflão a navegar nas águas turvas de atrevida minoria que inspira a administração interna e a política externa do seu País — um País novato e confuso — também não duvidamos.

Mas os casos podem ser sérios...

Mentira internacional

Nerhu está a transformar-se ainda no campeão da mentira internacional... Manhosos e embusteiros, fala de paz, a propósito de tudo e de nada, e só pensa na guerra. Neste caso de Dadrá e Silvassá, atirou a pedra e escondeu a mão.

Ainda há dias o «Daily Express» dizia «que o agitador Nerhu fala constantemente de paz mas não alberga no coração senão ambição e violência». E está dito tudo. Isto é vexatório para o Chefe de uma Nação tão pacífica... para os vizinhos grandes e tão insólita para os vizinhos pequenos — pequenos e inofensivos.

O caso da Índia pode realmente vestir-se de gravíssimos aspectos — e não nos é possível conjecturar o que terá sucedido quando estas impressões forem publicadas, precisamente no dia marcado, pelas hordas dos bandidos, para a «libertação» de Goa.

Forte solidariedade

Este jornal deu-nos no último número excerptos muito interessantes de artigos publicados na imprensa do Brasil acerca da agressão do Pandita ao Estado Português da Índia. Muito interessantes e expressivos de uma forte e sincera solidariedade moral da grande Nação-Irmã. Digna de admiração — comovente, mesmo — a reacção patriótica, sinceramente patriótica, dos portugueses que labutam no Brasil, mas que nunca esquecem a Mãe-Pátria — vivendo as suas horas de alegria e as suas horas de tristeza.

A vizinha Espanha também marcou, desde logo, uma inconfundível posição que muito

zando-se pela parte do encargo que lhe venha a caber com a manutenção desse Curso.

Parabéns, pois, a Guimarães.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.

A. B. C.



Doutor Oliveira Salazar

## 14 de Agosto de 1385

Mais de quinhentos anos são passados depois que se feriu a batalha de Aljubarrota.

Fiel à tradição, Guimarães não deixou de lembrar tão glorioso feito, promovendo algumas cerimónias comemorativas, junto ao Padrão de N. S.ª das Vitórias e às quais se associou a população da cidade.

E' sempre bom lembrar feitos heróicos praticados pelos nossos maiores porque disso resulta o revigoramento do amor pátrio que, através de todos os tempos, nunca faltou aos Portugueses.

Mercê de rasgos de heroísmo cometidos durante a formação e consolidação da Pátria, à data da batalha de Aljubarrota, éramos já um povo com história e, por isso, cheio de personalidade.

Povo que sabia o que queria e para onde ia, não podia perecer! Era preciso ganhar a batalha, para não baquear, custasse o que custasse!

E, naquela escassa meia hora de tremenda luta em que um punhado de homens decididos, comandados por D. João e D. Nuno tão bravamente se bateu, o exército inimigo que viera disposto a esmagar-nos foi destroçado, como desfeitas foram também, de vez, as ambições de D. João de Castela.

Portugal saíra robustecido da luta e pronto a continuar o seu destino!

Na Península já nada mais havia a fazer.

Então, o olhar do Infante voltou-se, ansioso, para o mar, que o atraía!

Através da imensidade das águas, visionava o futuro grandioso de Portugal!

«Para além» — dizia a seu Pai e irmãos, apontando o mar! Para além, mais além ainda, foram as naus das descobertas...

Assim Portugal se tornou gigante.

Da batalha travada naquela tarde gloriosa de Agosto fomos de alongada até à Epopeia da Índia, dessa Índia tão ambicionada agora pelo sr. Nehru, que, no seu fraco entendimento, tenta, em vão, fazer crer aos outros, que ela pertence à sua União, como se essa parcela do nosso território não fosse tão caracteristicamente portuguesa e onde existe, de há séculos, uma civilização que está muitíssimo acima da sua!...

Somos de uma raça de «antes quebrar que torcer» e, por isso, os Portugueses saberão

bater-se por esse pedaço de terra sagrada, com o mesmo ardor, a mesma fé, que os nossos antepassados empregaram nessa batalha do dia 14 de Agosto de 1385!

MÁRIO DE CASTRO.

# CARIDADE «ESTÉTICA» NO SOLAR DE SERGUDE ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HA 50 ANOS

Por muito estranho que pareça, os mendigos são úteis! Os pintores impressionistas, na justificada preocupação de encontrarem tipos exóticos para as suas telas, não podem dispensar os mendigos.

Não aqueles mendigos inexpressivos, sem feição própria, sem exterior para um quadro de figuras típicas — como aquelas que o poeta Eugénio de Castro descreve com seus atributos e características de género, e os quais achava lastimoso se perdessem para modelos de pintores. Tais mendigos, são necessários: «Desaparecidos os pobres, desaparecerão os seus dramáticos capotes de remendos, osbordões que se arrimam..., os alforques esfarrapados em que arrecadam as côdeas, e as grenhas, e as barbaças copiadas dos quadros criminiticos de Ribera...; acabará, numa palavra, toda essa trágica indumentária da miséria, que antinomicamente produziu tantas e tão preciosas obras de arte...»

E não só seria uma calamidade, sob o ponto de vista cromático, pictórico, estético, que se banisse o mendigo; também seria uma calamidade para as almas encardidas, sem piedade, as quais só vulgarmente se despertam de compaixão e praticam a caridade, perante a realidade trágica que se patenteia no mendigo, com o ar dramático das suas chagas, dos seus farranos sensibilizou. Já a esperávamos, pois a Espanha sente, como nós, a angústia dos problemas que avassalam os Povos amantes da Paz, do Amor e da Civilização.

O seu corpo ainda tem as cicatrizes dos golpes fundos vibrados pelo barbarismo internacional — e a Espanha sabe o que representa, para o Ocidente, uma punhalada que pode ferir, gravemente, um pedaço da carne de Portugal.

Um artigo que traduz um pensamento

Uma nota fornecida à Imprensa pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, referiu-se a um artigo publicado no jornal espanhol «Hoja Oficial del Lunes», sobre os casos sangrentos da Índia.

Esse artigo, firmado por Gomes Aparício — ousadamente supomos tratar-se de um Estadista notável — «traduz de um modo geral — segundo comunicação do Ministério de Assuntos Exteriores de Espanha — o pensamento do Governo espanhol quanto ao problema de Goa e à agressão disfarçada que se cometeu».

E acrescenta «que esse artigo foi enviado como tal a todas as missões diplomáticas da Espanha».

Vale a pena transcrever o final, na impossibilidade de se fazer na íntegra, pois bem o merecia pela análise serena dos factos e por constituir ainda uma fiel interpretação do Direito Internacional e Moral e de indiscutíveis conceitos jurídicos:

«A União Indiana é um membro das Nações Unidas e, segundo reza o art.º 2.º da Carta de S. Francisco, «os Membros da Organização nas suas relações internacionais, abster-se-ão de recorrer à ameaça ou ao uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer estado, ou a qualquer outra forma incompatível com os propósitos das Nações Unidas». Se os compromissos colectivos servem para alguma coisa e se há, efectivamente, uma moral diplomática que regule as relações internacionais, esse artigo da Carta das Nações Unidas não pode quedar letra morta.

Por outro lado, Portugal é um dos dois signatários do Tratado de Aliança com a Grã-Bretanha e um dos catorze membros do Pacto do Atlântico Norte; Tratado e Pacto que, na npssa opinião, não têm, for

pós, da sua indignação, da sua proverbial lamúria.

Daí chamar o lirico poeta aos mendigos uns «beneméritos despertadores da sensibilidade embotada ou adormecida».

Quando, pois, por um erro de critério burguês, as crónicas mundanas exaltem os da\* dores de esmolos à porta, aquelas esmolos que dão nas Vistas, que quase se anunciam, que à laia dos bandos precatórios levam filarmónica à frente, quando tal coisa acontece, saibamos mudar o rótulo e, pondo as coisas em seu lugar, proclamemos com justiça e verdade: — o autêntico «benemérito» é o mendigo que pede, que lamúria, que exhibe os seus farrapos, que mostra as suas chagas, que patenteia a sua cegueira, os seus aleijões abortivos e monstruosos, e não aquele que dá a esmola, despertado pelo mendicante.

Assim, de dedução em dedução, chegamos a concluir: — que os mendigos são necessários.

Combater a mendicidade, se o mendigo é um «despertador» dos sentimentos da caridade, das almas frias, dos corações empedernidos, é, pois, um calamitoso erro.

O que há, portanto, a fazer — é criar uma escola profissional de mendigos, certos que não faltarão alunos.

E se quisermos seleccionar o corpo docente de um tal estabelecimento, está naturalmente indicado que se procurem naqueles mendigos com longa prática, a quem vulgarmente chamamos — profissionais.

Esta teoria pode parecer extravagante, delirante; pode parecer mera especulação literária dum jornalista em férias. Como quiserem.

O que lhes digo, meus caros leitores, é que se a represão à mendicidade aumenta na proporção da assistência à mesma, melhor é não se intrometer a Polícia com os mendigos. Deixem-nos proliferar, à sorte.

A pintura, a literatura, o teatro, bendizem esse tipo da rua.

A. L. DE CARVALHO.

çosamente, pouco que dizer neste caso. Tem, efectivamente, que dizê-lo a Grã-Bretanha, testa da Commonwealth, a que pertence a União Indiana. E não só por esta circunstância, mas também porque — como no seu discurso de 12 de Abril último recordava o dr. Salazar — pela declaração luso-britânica de 14 de Outubro de 1809, ratificação dos Tratados de Aliança de 1642 e de 1661, «Sua Majestade o Rei da Grã-Bretanha... promete e obriga-se a defender e proteger todas as conquistas ou colónias pertencentes à Coroa de Portugal contra todos os seus inimigos, tanto futuros como presentes». E têm igualmente que dizê-lo os signatários do Pacto do Atlântico, sem espécie alguma de dúvidas, porque se é verdade que no art.º 6.º desse Pacto se especificam as zonas em que um ataque armado «será considerado como um ataque dirigido contra todas as Partes», o que determinaria a intervenção automática de todos os signatários, não é menos certo que, segundo o art.º 4.º, «as Partes se consultarão cada vez que, na opinião de qualquer delas, seja ameaçada a integridade territorial, a independência política ou a segurança de uma das Partes». A integridade territorial, pelo menos, dum dessas Partes — Portugal — está ameaçada: isso abre caminho à entrada em jogo das consultas que esse art.º 4.º estabelece taxativamente.

O problema levantado por esta agressão é certamente grave. Tal problema não é outro, em resumo que o de saber definitivamente se os povos amantes da paz podem viver em paz, de modo que a acção colectiva imponha de uma vez para sempre um freio a esta espécie de banditismo que se introduziu nas relações internacionais. Não haverá consciência honrada, nem individual nem nacional, que não esteja ao lado do nobre povo português na repulsa deste iníquo atentado, perpetrado não somente contra os direitos inalienáveis portugueses, mas também contra a própria civilização ocidental, tão alta mantida por Portugal na Índia através dea-

Quando passares na residência austera, Caminheiro, detém-te a meditar: Porque lá dentro um grande sonho impera — E um coração difícil de domar...

No entanto alimenta-o uma quimera, E se é bravo, é porque sabe amar: Tal como os ramos, pela primavera, Que encham de aromas e de flores o ar.

Se o silêncio o venceu, se a noite veio, Nem por isso deixou de ficar cheio De fecunda beleza e ideal fecundo.

E fitando as estrelas, noite fora, Aquele coração, que aguarda a Aurora, Sente bater o coração do Mundo!...

(Inédito) — 1954.

## Comemoração de AUIBARROTA

Promovida, como nos demais anos, pela Câmara Municipal, efectuou-se ontem, no templo de Santa Mana da Oliveira, por virtude de o mau tempo não ter permitido que se celebrasse, como é de tradição, no histórico Padrão evocativo da Batalha do Salado, junto ao referido templo, a patriótica celebração da Batalha de Aljubarrota, que teve numerosa assistência, vendo-se o sr. Governador Civil, a Câmara e demais autoridades locais e outras pessoas de representação, entre as quais os representantes das diversas corporações religiosas e organismos culturais e económicos do Concelho.

A Missa solene foi celebrada pelo Rev. Arcipreste, acolitado por outros eclesiásticos, tendo proferido o discurso, na altura própria, o Rev. P. e Júlio Vaz, de Braga, que desenrolou um notável tema, baseado na nossa História Pátria, referindo-se às Descobertas e Conquistas, exaltando os nossos Heróis e Santos e referindo-se às horas incertas que a Nação Portuguesa está a viver.

O orador implorou a protecção divina, que há-de operar, como outrora, o milagre da independência e da Paz para a nossa Pátria.

A sua brilhante oração foi escutada com o maior interesse.

## Vida Rotária

Na reunião de 4.a-feira do Rotary Clube, o presidente, sr. Leandro Martins Ribeiro, fez uma comunicação acerca de um caso de mendicidade, que tendo chegado ao conhecimento do Clube mereceu as melhores atenções da parte dos srs. Provedor da Misericórdia e Comandante da Secção da Polícia de Segurança Pública desta cidade. Seguidamente, o Presidente deu conhecimento da visita do sr. M. João Negre, bolseiro do Rotary Clube de Mont-de-Marsan, o qual foi portador de uma flâmula daquele Clube.

O sr. Leandro Martins referiu-se, ainda, no decorrer da sessão, aos acontecimentos da Índia e à nobre atitude do Governo Português.

Durante a leitura do expediente, o secretário, sr. José Abílio Gouveia, deu conhecimento de uma circular do Rotary Clube de Lisboa, acerca da agressão indiana, merecendo inteira aprovação a sugestão apresentada pelo mesmo Clube.

Foram finalmente tratados outros assuntos, em cuja discussão tomaram parte vários dos presentes à reunião.

## PELO ENSINO

Foi de 1945 o número de alunos que, no presente ano lectivo, no concelho de Guimarães, fizeram exame do 1.º grau, ficando aprovados 1779. De 994 alunos do sexo masculino foram aprovados 968 e do sexo feminino 951.

De 4.a classe — 2.º grau, fizeram exame 789, ficando aprovados 765 dos quais 484 do sexo masculino e 279 do sexo feminino.

De 3.a classe — Adultos, fizeram exame 2077, ficando aprovados 1889. De 4.a classe, também adultos, fizeram exame e ficaram aprovados 27.

tes quatro séculos de presença exemplar. Pese embora à Índia, por detrás de Portugal está o Direito E' ele quem exige que não seja con-sumada uma nova iniquidade».

Vejamos até onde pode chegar o banditismo asiático do sr. Nehru!

JOÃO DE GUIMARÃES.

Ao Dr. Luis Gonzaga

G A R I B Á L D I

Dr. filuaro de Peiva de Casiel-uranto da Gesta Leite Braeddo

Foi nomeado subdelegado do Procurador da República para o 6.º Juízo Cível, em Lisboa, o sr. dr. Álvaro de Paiva de Castelbranco da Costa Leite Brandão, que terminou este ano, com distinção, a licenciatura em Direito, na Universidade daquela cidade.

A Festa dos Escutas em honra do Santo Condestável

Realizou-se no domingo a anunciada festa dos escutas ao seu Patrono — Santo Condestável, a qual foi bastante prejudicada pelo mau tempo. Vieram escutas de todo o núcleo e ainda algumas representações, embora pequenas, de Braga, Aveiro, Famalicão, etc..

Houve, de manhã, nos claustros do Paço dos Duques de Bragança, a bênção da Imagem do Santo, pelo assistente do núcleo rev. P. e Luis Gonzaga da Fonseca, que em seguida celebrou missa campal, fazendo uma brilhante alocação ao evangelho do Santo Sacrifício o rev. P. e José de Jesus Ribeiro. Assistiram, em lugares reservados, o presidente da Câmara, autoridades e outras pessoas de representação.

A tarde e no mesmo local realizou-se uma sessão solene, em que foi orador o sr. Manuel Alves de Oliveira, chefe da Junta local do C. N. E., presidindo o rev. Senhor D. Gabriel de Sousa, Abade da Ordem Beneditina em Portugal, que se via ladeado por outras individualidades. No decorrer da sessão o chefe adjunto sr. João Xavier de Carvalho recitou uma formosa poesia da sua autoria e houve um coro falado, intitulado «Nuno de Santa Maria».

O sr. Manuel Alves de Oliveira no decorrer da sua admirável conferência, aludiu a factos históricos da nossa Pátria e salientou os feitos dos nossos Maiores, Heróis e Santos que, unindo a Espada à Cruz, souberam lutar e vencer.

No final organizou-se uma procissão que acompanhou o andor com a Imagem de Nuno Alvares para a Igreja de S. Dâmaso, onde fica à veneração dos fiéis.

A chegada àquele templo houve alocação por um orador sacro. No sábado à noite, na igreja de Santo António dos Capuchos, realizou-se uma velada de Armas.

Pelos Escutas foi enviado ao sr. Presidente do Conselho o seguinte telegrama:

«Presidente do Conselho — Lisboa — Escutas Guimarães concen-

As procissões, a que comparecia a tropa obrigatoriamente, eram a do Corpo de Deus, mais conhecida por a de S. Jorge, e a dos Passos. Mas outras houve que também tiveram a sua Guarda de Honra do Regimento 20, creio que por influência dos mesários e, até, se gundo vaga reminiscência, por política.

Estes acontecimentos já vão para lá dos cinquenta anos, possivelmente noveentos, mas deixaram seu\«sto.

Assim tenho uma ideia, era eu rapazito dos primeiros anos do Liceu, de que andava acesa a luta entre progressistas e regeneradores, estes na altura quase todos franquistas, e, a propósito da festa de S. Sebastião, o progressista adoptou como seu patrono o da Igreja de S. Dâmaso, de cuja Freguesia era Regedor o comerciante Meira (o Meira de S. Dâmaso, para o diferenciar do Dr. Meira, que este era franquista), entusiasta e exaltado partidário de José Luciano de Castro, chefe do partido progressista.

Nas Dominicas havia, e creio que ainda há, um outro S. Sebastião, que os regeneradores, ou talvez os franquistas, arvoraram em seu protector.

As duas Confrarias, apoiadas cada uma na sua falange política, resolveram fazer nesse ano, que já não recordo qual fosse, as festas

## Carta a ama Senhora

Minha Senhora

Acabo de ler uma notícia referente ao oferecimento de mulheres portuguesas para prestarem serviços na Cruz Vermelha e serem alistadas, como voluntárias, nesse patriótico e humanitário Organismo, na Índia Portuguesa.

Devo dizer-lhe, minha Senhora, que a atitude dessas patrióticas e caridosas mulheres se torna digna do maior respeito e da mais cativante simpatia, sobretudo por se tratar de territórios longínquos onde as armas da traição, da cobardia e da hipocrisia fazem manchar solo português com o sangue daqueles que se orgulham de ser Filhos desta Pátria tão ditosa e tão Amada e pela qual sacrificam a sua própria vida, como já o têm feito os heróicos defensores da integridade nacional, ameaçada pela milícia de bandoleiros do sr. Nehru, nos enclaves da nossa Índia, venerando Padrão de glória onde alguns dos nossos maiores antepassados imortalizaram o seu nome e o nome de Portugal. Bem hajam, pois, minha Senhora, as mulheres portuguesas que se oferecem para levar o conforto da sua alma e o calor do seu coração junto daqueles que em terras tão distantes se opõem à criminosa violação de uma parcela secular do nosso Património nacional, símbolo sagrado de uma raça que espalhou pelo mundo o fruto bendito da Evangelização e da Fé!

Sem melindre para V. Ex. a nem para qualquer outra que se orgulhe de ser mulher portuguesa, aquelas de que lhe falo merecem a mais expressiva veneração pelo seu gesto de tão emocionante sentimentalidade humana e a Senhora, que também tem alma e tem coração bem formados, com certeza que pensará como eu.

Sem outro assunto subscrevo-me De V. Ex. a Julho de 1954 cd.º ven.ª e obg.º X.

trados Reais Paços Duques junto Imagem Santo Condestável comemoração vigília Aljubarrota manifestam serena confiança virtudes heróicas nossa Raça agora demonstradas provincia Índia bradando Alerta por Portugal».

vi

rituais com toda a pompa e, deve dizer-se, sem excluir de parte a parte a maior devoção, respeito e veneração.

Do programa fazia parte a procissão, mas não convinha que saísse no mesmo Domingo, e então saiu primeiro a das Dominicas, e, para mostrar a influência dos seus confrades, arranhou a comissão lá no Ministério da Guerra que esta levasse uma Guarda de Honra de Companhia do Regimento 20.

Os progressistas não quiseram ficar atrás e, talvez estivesse o seu Partido no poder, obtiveram igualmente uma Companhia do 20, mas desta vez com mais estrondo, porque houve três descargas de pólvora seca, no final da procissão, ali na Rua de S. Dâmaso.

Mas as procissões a que comparecia sempre o Regimento eram, como disse, a de S. Jorge e a dos Passos, esta última com a Guarda de Honra de uma Companhia comandada por um capitão.

A do Corpo de Deus, ou de S. Jorge, compunha-se de um Batalhão a quatro Companhias, comandado por um Major com o seu ajudante, ambos a cavalo.

Os preparativos levavam o seu tempo, e já semanas antes, junto da capela de S. Miguel, o «terno» de corneteiros ensaiava todo o santo dia o seu repertório das melhores marchas em «passo grave».

Nas Companhias o 1.º sargento andava preocupado com o fardamento e calçado dos seus homens, não fosse faltar um botão ou os penachos e dragonas estivessem roídos pela traça, as caixas tivessem pelos novas e houvesse untura e graxa para espingardas, e outros cuidados no arranjo e boa aparência do seu pessoal.

Naquele tempo havia outra indumentária mais garrida e empenachada, cheia de amarelos e vermelhos, que se distinguia à légua, ma9 que foi modificada por necessidade de combate com a uniformidade da cor cinzenta e discretos distintivos, para não se diferenciam os combatentes e estes se confundirem com o terreno, a que presentemente se acrescentam certos artificios a que chamam — camuflagem.

Ao uniforme de passeio acrescentava-se à barretina, que em passeio era substituída por um barrete, um penacho e nos ombros colocavam-se umas dragonas seguras por fitas que se atavam nos sovacos. Tanto o penacho como as dragonas eram de felpe de lá vermelha, aquele maciço e com o feilto de tronco de cône, e eSSS, a que os soldados chamavam «chouricos», justamente com esse feilto.

Já desde a véspera que andava tudo azafamado a polir os amarelos e a engraxar o correame.

Naquele tempo ainda não tinha aparecido a pomada para o calçado e este era posto a brilhar com graxa de peixe, geralmente de sardinha, que vinha numas latas quadradas com rótulo cor de vinho e pronta a usar com cuspo e escova. Cuspia-se na lata, mas havia pessoas mais escrupulosas que o faziam na escova, e depois com a escova própria estendia-se no calçado: depois de seco puxava-se o lustro com outra escova de mais fartos, compridos e macios pêlos para dar um aspecto rebrihante, que não excluía um certo aroma a sardinha de escabeche.

Faço notar que foi desta graxa de peixe, chamada, pelo rótulo, «Saturina», do nome do seu fabricante, que derivou a classe, aliás muito respeitável, dos engraxadores.

Eu entro nestes pormenores de técnica porque nesse tempo cada um tinha em casa com que se engraxar, excepto, é claro, aqueles que tinham serventes para lhes tirarem essa maçada.

Não havia por isso tanto engraxador, nem se era tão esquisito no rebrihlo de umas botas afiambreadas, porque sapatos foi coisa que só começou a divulgar-se há pouco mais de 30 anos, e, mesmo assim, ainda há quem use botas, mesmo pessoas altamente colocadas, sem que, contudo, as que usam sejam — botas de elástico...

Os «amarelos, que eram os botões e os números 20, eram limpos primitivamente com pó de tijolo até que apareceu uma pomada para limpar metais — a pomada «Amor» —, e agora foi substituída por um líquido com o pretencioso nome de «Solarine», que, com o desaparecimento dos «amarelos» das fardas, foi relegado a outros fins dos que a pomada «Amor» emprestava à fascinação das sopeiras pelo garbo rebrihante dos taratas.

Pulidos os metais e engraxados os cabedais, escovadas as fardas e pregados os botões «caídos agora mesmo», esticadas as peles das caixas com grande gasto de cuspo no retesar das cordas, e rebrihantes as cornetas, estava tudo preparado para o toque solene feito pelo terno no máximo efectivo, de pe. torais vermelhos, de «Formar Companhias», uma vez à porta das armas e outra na parada.

Dez minutos depois tocava a «Guias», e então cada Companhia destacava um sargento que seria

Guimarães, 12 de Agosto de 1954.

lãlbeXto iPimenta tSHackado\*

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 10, o nosso amigo sr. Eng. Narciso Fernandes Ferreira de Oliveira, de S. Martinho de Campo; no dia 18, a senhora D. Maria de Belém Teixeira Mendes de Oliveira e o nosso amigo sr. Joaquim de Sousa Pereira Vinagreiro; no dia 20, a senhora D. Maria Emília Marques Rodrigues, de Pevidém, e o nosso amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, residente em Braga; no dia 21, os nossos amigos srs. Amadeu Soares Portilha e Eduardo Jorge Soares; no dia 22, a

ua formatura o indicador da sua ala direita.

Por fim o toque, sempre em grande estilo, de «Avançar» com o qual as Companhias marchavam para a parada, as que ocupavam o primeiro e segundo andar com grande estrépito dos «alcátruzes» dos soldados, e iam formar à esquerda dos seus «Guias».

Ao recordar todo este cerimonial ainda me parece impossível que tanto efectivo como o que comportava o antigo quartel, que por vezes ia além dos duzentos soldados, pudesse caber, em formatura, no espaço que no ano passado pude observar no pátio interior, mesmo sem os claustros.

Tudo me parece diminuído, no espaço, compreende-se, e andei por lá com outros à procura do antigo quartel, que não era evidentemente um palácio.

A Banda de música já ocupava o seu lugar, formada creio que a oito figuras de frente com os trombones na primeira fileira, a seguir os outros instrumentos e na retaguarda a «pancadaria», ao contrário do que se usa agora na tropa, mas que algumas bandas civis ainda conservam, e me parece mais coerente.

Concentrada assim a tropa os oficiais tomavam conta das suas fracções que «provavam», isto é, a quem mandavam fazer certos movimentos para ficarem certos de que os soldados estavam cientes do seu lugar, isto depois de os mandar «numerar», em que às vezes succedem a aparecer um parolo que não conhecia o número que se seguia ao do seu companheiro da direita. Ensiava-se o «quatro à direita», que era a parte mais difícil do ensino da recruta, por ser necessário para esse movimento saber distinguir entre os números pares e os «impares», como os classificavam os magalãs.

Alinhada, provada e ensaiada a tropa, e colocados os oficiais nos seus lugares, a Banda de música com os instrumentos embocados, e os corneteiros com as baquetas no ar, o Comandante da Guarda de Honra com a sua melhor voz, um pouco sobre o tenor, por não se usar ainda como hoje o toque de corneta para estes fins, dava a voz de «ordinário marche».

Juqueiros — Felgueiras, 22 de Julho de 1954.

A. DE QUADROS FLORES.

senhora D. Maria do Carmo Pereira da Cunha e Castro e o nosso prezado amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos.

«Notícias de Guimarães» apresentamos os melhores cumprimentos de felicitações.

\* — Festeja amanhã o seu aniversário natalício o muito digno Prior de S. Sebastião, Rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, a quem cumprimentamos e felicitamos.

### Partidas e chegadas

Bispo de Angra — Acompanhado pelo seu secretário particular e nosso querido amigo rev. P.º Francisco Fernandes da Silva, chegou, há dias, a esta cidade, encontrando-se a descansar na sua vivenda de S. Jorge de Selho, o venerando Bispo de Angra de Heroísmo e nosso ilustre conterrâneo, Senhor D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães, a quem cumprimentamos.

Dr. Francisco José Vieira Machado — De visita à Filial do Banco Nacional Ultramarino, esteve nesta cidade o sr. dr. Francisco José Vieira Machado, que durante alguns anos ocupou a Pasta de Ministro do Ultramar e é, presentemente, Governador daquele Banco. Sua Ex.ª visitou também a vizinha Vila de Felgueiras, onde o mesmo Banco vai, em breve, abrir uma Agência.

\* — Tem estado nesta cidade, regressando hoje a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Alirio de Sousa, locutor do Rádio Clube Português, que há dias nos deu o prazer da sua visita.

— De Briteiros partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira.

— Com sua família partiu para Carrizedo de Montenegro o sr. dr. Adriano Filipe Afonso, meretíssimo Juiz de Direito nesta comarca.

— Regressou a Lisboa e teve a gentileza de apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, o que nos cumpre agradecer, o nosso querido conterrâneo e ilustre amigo sr. Desembargador dr. António Carneiro.

— Partiu para o Ultramar e apresentou-nos os seus cumprimentos de despedida, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Ernesto Adélio Dias Pereira, chefe do Caminho de Ferro, a quem desejamos uma feliz viagem e muitas prosperidades.

— Regressaram de uma digressão pelo estrangeiro os nossos prezados amigos srs. José Alberto Pimenta Machado e eng.º Narciso Fernandes Ferreira de Oliveira.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Avelino Gomes da Costa, de Lisboa.

— Com suas famílias encontram-se a veranear na Póvoa de Varzim os srs. Manuel e José Vaz da Costa Marques, Manuel de Almeida Barreira, José da Silva Maia, José M. Machado Vaz, Francisco Ribeiro Pinto, António Urgezes dos Santos Simões, Alberto Pimenta Machado Júnior, Bernardino Alves Marinho, dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Augusto Mendes, João Roberto T. Sepúlveda, Alvaro de Jesus da Silva Martins, Joaquim da Silva Xavier, Manuel Afonso, Francisco Alberto da Cunha Guimarães, António Carvalho e a sr.ª D. Augusta Maciel de Sousa.

— Com suas famílias encontram-se a veranear: em Espinho, o nosso bom amigo sr. João Dias Pinto de Castro; em Paço d'Arcos, o nosso bom amigo sr. José Pinto de

Almeida; em Ancora, o nosso bom amigo sr. Manuel Paulino Ferreira Leite; na Praia d'Ápúlia, o nosso prezado amigo sr. eng.º Helder Rocha; em Vila do Conde, o nosso prezado amigo sr. eng.º Alberto Costa.

— Partiu para Fão o nosso prezado amigo sr. Padre Avelino Pinheiro Borda.

— Com sua esposa partiu para a Curia o nosso bom amigo sr. Manuel C. Martins.

— Com sua família partiu para Paço de Vitorino, Ponte do Lima, o nosso prezado amigo sr. Visconde Viamonte da Silveira.

— Vindo do Rio de Janeiro, esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Francisco Antunes da Silva Guimarães.

— Com sua família parte amanhã, a gozo de férias, para Vila Pouca de Aguiar, a sr.ª D. Maria da Glória Saraiva Pereira.

— Esteve entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Manuel de Sousa Guise, residente no Porto.

— Esteve entre nós o nosso querido amigo rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

— Com sua esposa esteve nesta cidade e deu-nos o prazer dos seus cumprimentos o nosso prezado amigo sr. eng.º Fernando Flores de Matos Chaves, que já regressou a Lisboa.

— De passagem para o Gerez, esteve nesta cidade o nosso querido amigo sr. dr. Manuel Ferreira da Costa, antigo professor do nosso Liceu e actual professor do Liceu D. João III, de Coimbra, que teve a amabilidade de apresentar-nos os seus cumprimentos.

— Seguiu para a mesma Estância o nosso prezado amigo sr. dr. António de Jesus Gonçalves.

— Partiu para Cabo Verde o nosso prezado amigo sr. José Maria Pacheco Rodrigues.

— Com sua esposa partiu para Pontevedra (Espanha) o nosso prezado amigo sr. António Rodrigues de Oliveira.

— Com sua família partiu para Cepães (Fafe) o nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Têm estado no Gerez a uso de águas os nossos bons amigos srs. Armando Diniz Dias Corais e Isaac Ferreira de Oliveira Guimarães.

— Com sua família partiu para as suas pródridades de Gêmeos o nosso prezado amigo sr. dr. Aventino Leite de Faria.

— Com sua esposa parte hoje para França, com alguma demora, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. dr. Mariano Felgueiras.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo sr. dr. António P. L. de Magalhães Couto, da Casa de Junfe, Longra.

— Com sua esposa partiu para Silves o nosso bom amigo sr. Gaspar da Silva Ribeiro Calixto.

— Encontra-se a veranear nas Taipas a família do nosso bom amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro.

— Tem estado a veranear com sua família na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. dr. Alberto Pita da Costa, Juiz de Direito na Póvoa de Lanhoso.

— Regressou a S. Paulo (Brasil), o nosso querido conterrâneo e amigo e abastado capitalista sr. José Guimarães, que há meses se encontrava em Portugal.

— Com suas filhas partiu para a Baía (Brasil), onde já se encontrava seu marido, a sr.ª D. Joaquina Guimarães Costa, esposa do nosso bom amigo sr. Francisco Pereira da Costa.

Desejamos-lhes feliz viagem. — Tem estado a veranear em

Antime (Fafe) o nosso prezado amigo sr. Francisco J. Ferreira de Oliveira.

### Doentes

Continua doente o nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior. — Também continua doente o ilustre Reitor do Liceu Nacional de Guimarães sr. dr. Américo A. Guerreiro.

— Nas Caldas das Taipas tem passado bastante doente o nosso prezado amigo sr. Francisco da Silva Martinho.

— Continua doente o nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Leite.

— Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. José Figueiras de Sousa.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

### Falec. e Sufrágios

Martinho Ribeiro da Silva

Faleceu, nesta cidade, contando 70 anos e confortado com todos os sacramentos, o sr. Martinho Ribeiro da Silva, casado com a sr.ª D. Maria Alves da Silva e pai das srs.ªs D. Maria Luísa Alves Amaral e D. Antónia da Purificação da Silva Martinho e do sr. Manuel Ribeiro Martinho, e sogro da sr.ª D. Aurora Lopes de Almeida e dos srs. Manuel da Silva Martinho e Armando Amaral, tendo-se realizado o seu funeral na 4.ª-feira de manhã para o cemitério de Caidelas (Taipas), após os resposos celebrados, perante numerosa assistência, no Templo da Misericórdia.

Os nossos pêsames à família dorida.

Monsenhor João António Ribeiro

Tendo ocorrido na sexta-feira, dia 13, mais um aniversário do falecimento do saudoso Monsenhor João Ribeiro, que foi Arcepreste de Guimarães, a Direcção da Pia Associação dos Amigos do S. C. de Jesus, mandou celebrar a Santa Missa pelo eterno descanso da alma do seu Fundador, na igreja de N. S.ª da Oliveira, pelas 7 horas, tendo assistido elevado número de associados.

### Sufragando

A Conferência de S. Vicente de Paulo, da freguesia de N. S.ª da Oliveira, mandou celebrar a Santa Missa pelo eterno descanso do seu benfeitor sr. Capitão João Gomes de Abreu Lima.

### Vida Católica

#### Festas em honra da Padroeira da Cidade

Está sendo levada a efeito, nesta cidade, a Vigília da Assunção, suplicando à Virgem a sua protecção para Portugal.

No dia 13, às 12,15 horas, houve no templo da Colegiada, missa, exposição do SS.º Sacramento e invocações em união com os peregrinos de Fátima.

Ontem à noite saiu da igreja da Colegiada uma imponente Precisão de Velas, com a Imagem da Padroeira da cidade, para a igreja de S. Miguel do Castelo, seguindo-se a Vigília que durou toda a noite, nela tomando parte muitos filiações das Associações Católicas e dos Organismos sociais da cidade.

Hoje a tarde haverá na igreja de S. Miguel do Castelo uma sessão solene em honra de Nossa Senhora e, em seguida, Precisão de Peni-

### «Panorama Nacional» EXPOSIÇÃO DE MINIATURAS

Foi inaugurada no dia 7, no Salão Nobre da Associação Artística Vimaranesa, com a presença de autoridades e representantes de Organismos Corporativos, uma exposição de centenas de figuras movimentadas que o sr. Diamantino Rodrigues da Silva realizou e que obteve o 1.º prémio na Exposição de Arte dos Trabalhadores, organizada pela F. N. A. T., em Lisboa.

Nesta interessante exposição encontram-se representadas todas as cidades do País, em miniaturas de padrões históricos e de outros monumentos e de costumes vários.

Trata-se de um trabalho digno de visita pela fidelidade das suas imagens e até pelo ineditismo da sua idealização e construção, que revela nos mais insignificantes pormenores a intuição artística do seu autor.

### «Código da Estrada-1954»

Esgotada a primeira tiragem deste Código numa semana, acaba de sair a sua 2.ª edição que como a anterior se apresenta em formato muito portátil. Trata-se na verdade de um livro extremamente útil, cuidadosamente revisto por Joaquim Rosendo, director do jornal «Os Transportes» — inserindo o novo Código da Estrada integralmente, um índice ideográfico elucidativo das transgressões e multas, sinais de trânsito, etc.

O «Código da Estrada-1954» é o único que traz a legislação não revogada e as instruções para os exames médico-sanitários dos condutores de automóveis (actuais e futuros) em vigor desde 1 de Julho do corrente.

O preço do «Código da Estrada-1954» é de 12\$00 e encontra-se à venda nas livrarias e principais tabacarias de todo o País e Ilhas.

E' distribuidora geral deste livro a Agência de Representações Cercei, Ltd.ª, R. Rodrigues Sampaio, 78-2.º — Lisboa.

### Precisa-se de um afinador de teares mecânicos que saiba afinar «Jakuard». Falar na fábrica de Augusto Luciano Guimarães — Guimarães.

tência, com a Imagem da Virgem pelas ruas da cidade até ao templo da Colegiada.

#### Peregrinação à Penha

Está marcado o dia 12 de Setembro para a Peregrinação Anual à Penha, devendo a mesma este ano, por coincidir com as comemorações Marianas, atingir a maior importância.

Espera-se que alguns Prelados venham tomar parte nessa grande manifestação religiosa, a que a gente de Guimarães sempre procura imprimir todo o esplendor.

### Diversas Notícias

#### Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural, Telef. 4329.

### Jardim Zoológico de Lisboa

O Jardim Zoológico de Lisboa oferece este ano aos seus visitantes um espectáculo surpreendente.

São conhecidas do país inteiro as suas atracções tradicionais: o Jardim dos Pequenos; o Grande Roseiral; o Jardim de Fiarrobo; o Palácio das Feras; os aviários; o Solar dos Leões; a ilha dos ursos; o cerrado dos elefantes; o hotel e o cemitério dos cães; o club dos gatos; a aldeia, o ginásio e a tenda dos macacos; o recinto dos hipopótamos; o monte dos veados sobranceiro à escadaria monumental e ao lago dos cisnes, que sabemos mais! Todo um mundo de maravilhas. Juntem-se-lhe os recreios da patinagem, das gaiotas do lago grande, das representações no Jardim dos Pequenos, do ténis, etc. — o conjunto oferecido é, na verdade, aliciente...

Mas acresce que este ano (para celebrar o 70.º aniversário da fundação da Sociedade e o 50.º da sua instalação nas Laranjeiras) cinco grandes novidades se apresentam como outras tantas grandes surpresas.

Referimo-nos ao palácio dos Aaras, que não tem par em nenhum Zoo europeu, ao reduto dos ursos com 60 metros de comprimento, rivalizando por sua vez com o que há de melhor; o Castelo das águas com a imponência dos seus nove metros de alto e do voo dos seus habitantes; o terreiro dos avestruzes e o seu gradeamento dourado; o nicho dos pinguins, de gracioso traçado e movimento.

Em resumo, Lisboa oferece a quem a visita, uma atracção, que sofre todos os confrontos pela sua rara beleza. E quem vir este ano as Laranjeiras, não esquece o dia de sonho que lá passou...

### «ÍNDICE»

Fomos informados de que o «Arquivo de Recortes de Imprensa Índice», provisoriamente instalado na Rua Eduardo Coelho, 35-3.º-Esq.º, em Lisboa, continua a receber da imprensa do país o melhor acolhimento nesta sua fase de reorganização, o que lhe permite organizar um futuro de grande desenvolvimento.

Apraz-nos registar o facto, fazendo votos para que tal suceda.

### SEALPORO UMA PINTURA... QUE DURA

TINTA DE REVESTIMENTO IMPERMEÁVEL PARA A PINTURA EXTERIOR DE EDIFÍCIOS

50 CORES 204

Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira

Depositários: João Garcia & C.ª, Lda

GUIMARÃES

MÁRIO COSTA & C.ª, Lda

PORTO LISBOA

### TIPOGRAFIA «IDEAL»

Trabalhos em todos os géneros

TELEFONE, 4881 GUIMARÃES

Assim como, na escalada aos picotos castreiros pelas tortuosas espirais pedregulhentas de cabras e zagais, ao repassar, em certas voltas e reviravoltas do torcicolo, sobre a mesma paisagem, cada vez mais funda e longe, à nossa vista se reveste em cada vez de novos aspectos, ora a colina, de que já nos desembaraçamos, ora a várzea já a perder-se na planície, a chegar, no estonteio vertiginoso da altura vencida, a confundir-se a vastidão panorâmica no imaginoso deslumbramento da miragem, assim, na perspectiva histórica, no contorno dos séculos e na mudança de luz dos costumes, o entendimento subjectivo do juízo crítico é azado a revê-los sob certas deformações, como desintegrados do seu tempo e espaço na história. Assim se explica como, na sessão de 27 de Outubro de 1821, ao entrar em discussão nas Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa, o projecto de lei sobre a reforma dos forais, se inflamou o estro verberatório dos Constituintes: *Borges Carneiro* começara logo em dizer irado: «Estamos chegados à época de restabelecer o direito natural contra todas as fações, roubos e prepotências do poder mais forte. Eu não conheço senão um foral — o direito da natureza. Tudo mais são roubos. O direito divino, e o direito natural diz — *in sudore vultus tui vesceris panem*. O lavrador o que quer é que lhe não roubem o suor do seu rosto. Todos os forais vieram de origem viciosa e devem abolir-se por que são contra direito natural!» E, intoxicado de sanha tribunicia, exclama: «Que direito tinha D. Afonso Henriques, quando chegou ao alto da serra dos carvalhos, de dizer — «Tudo quanto estou vendo daqui por uma linha tirada desde Obidos pelas cimalthas de Aljubarrota até Porto do Mutel águas vertentes do mar, seja tudo para uns frades de Santa Maria de Claraval»? Naquela ocasião, apertado como estava pelo cerco de Santarém, ele prometia todo o reino. Que direito podiam ter, ao depois, os frades de contratar com aqueles povos miseráveis de lhes darem uma tão grande porção como é a de 19 1/2 alqueires de cada moio, além das dizimas?...» — (*Diário das Cortes Geraes e*

## Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»

Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal

Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

77)

II

Extraordinárias da Nação Portuguesa, num. 211). Eru-dito e honesto como era, *Borges Carneiro*, no subconsciente, a si próprio se desmentia no exagero, com apontar as razões do facto — o auxílio dos Monges nas empresas guerreiras, o povoamento de largos espaços de terras baldias para a promoção da sua cultura. A grave e justificadíssima preocupação dos Constituintes de 20 era restaurar a lavoura, então chegada a extremos de penúria. Assim o disseram todos, como *Fernandes Tomás*: «A felicidade de Portugal está no restabelecimento da agricultura». (Outro deputado, *Girão*, referindo-se aos imensos requerimentos dirigidos à Comissão de Agricultura, dizia-os «escritos com as lágrimas dos desgraçados agricultores») «Eis o ponto donde devemos partir». Que os forais eram leis particulares reguladoras do pagamento dos direitos à Coroa: como eram hoje da Nação, a esta pertenciam legislar sobre a arrecadação em dinheiros que lhe pertenciam. Desde D. Manuel que se declarara a premente necessidade de os reformar e viera a reconhecer-se que, em muitos casos, *Rui de Pina* errara. Mas *Correia de Seabra*, que era autor dum outro projecto, advertia: «Os prazos foram os que em Portugal fizeram o povo proprietário». Confusão esta — entre aforamentos e enfiteuse — que perdurou largos anos e deu lugar a enor-

midade de pleitos. O caso, na sua rude simplicidade, estava em que os tributos impostos pelos forais haviam sido primitivamente os únicos recursos para a governação do estado e sustento da coroa. Depois, reinados fora, outros se lançaram para aquele fim, jamais se cuidando em reduzi-los, como era de evidente justiça e equidade. Alguns dos Constituintes o salientaram, ao longo da curiosa e complicada discussão do projecto. Naquela primeira sessão do exame deste projecto, *Soares Franco*, que iniciara a discussão, acentuou: «No princípio da monarquia até Afonso IV, eles foram os únicos tributos. No tempo de Afonso IV, entraram a usar-se das sisas; no tempo de D. João I, quando se levantou a Casa de Bragança, fizeram-se as sisas gerais do reino; o real de água foi posto no tempo dos Filipes em razão da guerra da Baía e Pernambuco com os Holandeses: e desde esse tempo para cá têm-se posto tributos em tudo — tributos que não fazem mais que pesar sobre a classe agricultora.» E outro Constituinte, *Bettencourt*: «...quando a décima foi lançada pelo Sr. D. João IV para as despesas da guerra, este subsídio militar fez cair em desuso o darem os senhorios de terras e alcaides mores o seu contingente, que sustentavam e fardavam na guerra, e para cujo fim se davam os forais. Os cidadãos que pagam estes direitos, marcados com o ferrete da vassalagem, teem o direito de exigir alívio aos seus pungentes males...» E logo fez a clara distinção entre as duas espécies de títulos, os forais propriamente ditos, e os enfitéuticos e censitários.

No que hoje nos parece um desafio de gruihada oratória, no varitado almiré dos gaios quando o profano invade o remauro das bouças, revela, nas Constituintes de 20, cuidado atento a vários problemas relacionados com os forais, nos prós e contras da medida a tomar: e esta, em sua base, era uma espécie de contrato entre o passado, com respeito, embora investituro, à tradição, e o aspirado melhor futuro para a lavouragem.

Continua.

# Misericórdia de Guimarães

Sessão de Mesa de 10 de Agosto

Sob a presidência do Provedor, sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

### EXPEDIENTE:

— Ofício do Tribunal de Contas a comunicar que, por acórdão de 20 de Julho passado, foram aprovadas as contas da gerência desta Santa Casa referentes ao ano de 1952.

— Ofício da Direcção Geral de Assistência a informar de que, por despacho de Sua Ex.a o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência Social, de 16 do mês findo, publicado no Diário do Governo, Série, de 2 do corrente mês, foi mandado reverter para o Asilo desta Misericórdia todos os bens e valores pertencentes ao Asilo «Sousa Martins», de Vizela.

A este respeito, a Mesa deliberou o seguinte:

Tendo revertido para esta Misericórdia os bens que pertenciam ao Asilo «Sousa Martins», como consequência de o mesmo ter sido integrado no seu similar desta Instituição, assuntos a que se referem os despachos de Sua Ex.a o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência Social, respectivamente, de 16 de Julho e 30 de Abril do ano corrente, a Mesa deliberou que o número habitual de Assilados passasse, de futuro, a ser aumentado de mais três, de ambos os sexos, sendo estes admitidos segundo a intenção da benfeitora que instituiu o referido Asilo, encontrando-se já em nessas condições e, portanto, passando a ser de quatro as admissões sob aquela intenção.

— Ofício do sr. Governador Civil a prestar esclarecimentos sobre o meio legal de ser cedido à Câmara Municipal o terreno para a construção de um Dispensário Anti-Tuberculoso. Sobre este assunto, foi deliberado ouvir o parecer da Assembleia Geral dos Irmãos desta Santa Casa, a fim de, depois disso, ser pedida a devida autorização superior para aquele fim.

— Carta do Solicitador sr. Francisco Vilarinho, de Lisboa, a remeter a cópia da alegação apresentada por esta Santa Casa ao Tribunal Pleno e ainda referente ao litígio entre esta Instituição e a sr.a D. lida Telo de Magalhães Colaço sobre a herança da benfeitora D. Luciana Ferreira Barroso da Costa Freitas.

— Carta do sr. dr. Augusto Luciano Guimarães, alusiva a uma conversa com o Mesário desta Santa Casa sr. João Aires de Sousa Pereira Guimarães, acerca de uma partilha de águas em que é interessada esta Santa Casa e aquele senhor. Com referência a este assunto, a Mesa resolveu concordar com o critério formulado pelo referido Mesário.

### DELIBERAÇÕES:

Convocar a Assembleia Geral dos Irmãos desta Misericórdia para uma reunião, no dia 15, pelas 10 horas, na Sala de Despacho desta Instituição, passando a efectuar-se no próximo dia 22, à mesma hora e no mesmo local, caso não compareça número legal de Irmãos na primeira convocação.

— Autorizar o Mesário sr. João Aires de Sousa Pereira Guimarães, a atender uma petição da Junta de freguesia de Pencelo, deste concelho.

— Deferir o requerimento do sr. dr. Carlos Baptista Soto Maior, digno médico especialista deste Hospital, para se ausentar dos serviços hospitalares durante o prazo de 15 dias, a partir do próximo dia 17.

— Admitir no Asilo desta Misericórdia, ao abrigo da deliberação tomada nesta sessão, respeitante ao Asilo de «Sousa Martins», o indigente Casimiro Ribeiro, natural da freguesia de Infias e residente na de Creixomil, deste concelho.

— Exarar na acta desta sessão um voto de pesar pelo falecimento do Irmão desta Santa Casa, Abílio José Pimenta, de Serzedelo.

— Aprovar o Balanete do Cofre, apresentado pelo sr. Tesoureiro e verificar o cumprimento de todos os legados.

— Registrar, com muito reconhecimento, os seguintes donativos: Da sr.a D. Ana Correia, do Pevim

# OFICINA DE REPARAÇÕES ELECTRICAS

Em INSTALAÇÕES de

AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS.

REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS.

RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.

São garantidos todos os serviços por esta casa executados.

Ribeiro de Oliveira & Mendes

LARGO DA REPUBLICA DO BRASIL, 43 - TEL. 4689

GUIMARAES

dém, 25 cobertores de algodão; do Comandante da Polícia de Segurança Pública, 300 roscas de trigo, sendo 150 para o Hospital e 150 para o Asilo de S. Paio; do sr. Alvaro da Costa Marques Guimarães, de Santo Emílio, Póvoa de Lanhoso, 6 rasas de milho para o Asilo de Donim; do sr. Francisco Fernandes Guimarães, de Urgeses, 40 colmeiros de Palha, para o Hospital; do rev. Pároco da freguesia de S. Lourenço de Selho, 30 colmeiros.

— Foram ainda tratados outros assuntos de interesse para esta Instituição.

## EM LOUSADA

### II Circuito em Bicicletas a Motor

Integrado no programa de organizações da Associação Desportiva de Lousada, realiza-se no próximo dia 22, naquela vila, o terceiro Circuito em bicicletas a motor que, mercê do seu originalíssimo itinerário, é uma das mais importantes competições das que se realizam em Portugal.

Por todo o concelho de Lousada há grande entusiasmo e o mais oivo interesse por esta prova de ciclismo motorizado.

O público poderá presenciar com a maior segurança tão extraordinário espectáculo, inegavelmente e pleno de emoção.

## BRIQUETES PEJÃO

INDUSTRIA—AQUECIMENTO — COZINHA —

A Competidora de Representações, Lda

R. da Rainha n.º 115—Tel. 4523

GUIMARAES 299

# MISERICÓRDIA

DE 6 UNDEHES

## ASSEMBLEIA GERAL

Convindo os Ex.ªs Irmãos desta Misericórdia para uma reunião da Assembleia Geral a realizar no próximo dia 15, pelas 10 horas, na Sala do Despacho desta Instituição, cuja ordem do dia será a seguinte:

A — Cedência de terreno à Câmara Municipal para a construção de um Dispensário Anti-tuberculoso;

B) — Destino a dar ao prédio com os seus anexos, onde esteve instalado o Asilo «Sousa Martins» na vila de Vizela, em consequência de um despacho governamental que o integrou no seu similar desta Misericórdia e de outro que transferiu para a mesma todos os bens do referido Asilo;

C) — Autorização para levantar do Capital, se necessário for, as quantias suficientes para a montagem de uma lavandaria eléctrica, que será comparticipada pelo Estado, e ainda para a aquisição de aparelhagem hospitalar, igualmente em regime de comparticipação.

No caso de não comparecer número legal de Irmãos para a Assembleia funcionar, esta passará a realizar-se no próximo dia 22, à mesma hora e no mesmo local, que, então, funcionará com o mínimo de 20 Irmãos.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 11 de Agosto de 1954.

O Provedor, 356

Mário de Sousa Meneses.

## Cantinho de... graça

### A' grande cura

— O' Zefa... Zefa...  
— Senhora?  
— Vem cá...  
— Antão?!

— Pega naquelas duas infusas, traz-mas aqui pra dentro e põe-las em riba da mesa grande e vai buscar um feixito de erva cidreira.

— T'a bem, Pai.  
— O Pai era o Ti Zé da Bica e a Zefa a filha.

Viviam mai-la Tia Brizada, mulher do Tio Zé, numa casita térrea rodeada por uma horta e jardim muito férteis e bem tratados.

Gente de bõ andar — eram muito estimados e procurados.

Ti Zé, vedor de fama, sabia também manipular uns remédios caseiros que já haviam levantado a espinhela a muita gente e curado bastantes maleitas.

Tinha bastante nomeada e às vezes até da cidade iam lá de almômbie muitos cenhores e cenhoras a quem o Ti Zé dava conselhos e uns remédios caseiros, porque ele lera muito um livro — que guarda bem recatado — deixado por um tio padre, o qual está cheio de receitas caseiras onde abundam as ervas.

Ali na sua casita, ora tratando da horta e do jardim, ora colhendo sementes, folhas e ervitas, o Ti Zé levava uma vida pacata e muito certa.

A fama das curas chegaram a muita parte e uma vez em determinada aldeia das que rodeavam a do Ti Zé — S. Martinho — na tenda do João Bico estabeleceu-se discussão sobre o assunto.

Então dois rapazotes — brincalhões e marotos — logo combinaram ir aonde o Ti Zé e pregarem-lhe uma partida, a qual — cuidaram eles — deveria ser falada.

Por uma manhã fresca e linda chegaram até a casa do Ti Zé. Troparam à porta.

— C'á foi? — era a Zefa.  
— Olhe, menina: o Tizé está?  
— P'raquê?  
— E' que este amigo precisava d'ajuda dele. Está doente.  
— Antão andem e espere que eu Vou dezer o Pai.

Entreolharam-se os moços, piscaram os olhos e esperaram.

Apareceu o Ti Zé.  
— Sároe-os Deus...  
— Bós dias, Ti Zé.  
— Bós dias.  
— Antão o c'á?...  
— Olhe, Ti Zé, este meu amigo anda a modos de noção, doente.  
— Bem. E depois?  
— O outro então falou: E' que tenho uns suadoiros, treme-me a cabeça e... isto é que é pior — perdi o paladar e so digo mentiras.

Ti Zé olhou serenamente para ele — com os seus olhitos pretos, profundos — e com bondade indagou:

— Tem comido?  
— Poucochito, Ti Zé.  
— Já comeu hoje?  
— Ainda não.  
— Bem, antão espere aí um pouco, que eu já venho.

Saiu.  
Os dois ficaram a fazer facécias e a rir em surdina.

Apareceu a Zefa, que ficou a um canto da salita a mirar a horta.

O Ti Zé foi lá dentro. Abriu um armário e tirou de lá uma caixita de folha. Abriu-a e sacou dois graositos pretos.

Voltou junto dos dois amigos e ordenou ao «doente»: — Trinque bem estas duas bolinhas e engu-las com bastante cuspe e depressa.

O «doente», mais admirado que desconfiado, assim fez.

De repente dá um grande pulo, esboga os olhos e desesperado começa a cuspir, dizendo:

— E' Tizé! Isto é pimenta e da forte. Vomecê enganou-se.

Responde o Ti Zé, com um sorriso bonacheirão:

— Não me enganei, não 1 E' pimenta, sim senhor...  
— Ai, Já-Zus! E agora?  
— Agora, já está curado: Já tem paladar e já diz a verdade.

A i j ã Z t i s i

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso tema.

# No Meu Cantinho

Quarta-feira, dia 11. Era minha intenção não rabiscar, esta semana.

Mas as Letras e Artes das «Novidades» forçam-me a lembrar as Homenagens a Moreira das Neves e a Carlos Eugênio (Paço d'Arcos). Qual das duas a melhor?

Jovem Amigo, quando arranca a máscara?

Quinta-feira, dia 12. «A Voz de Portugal» de 20-VI traz um adorável Poema de Ludovina Frias de Matos. «Coimbra, sonhei contigo» é o seu baptismo.

Nesse número vêm oito «Trovas do S. João», do meu Elisio. Que feliz o seu cantar!

E na Voz de 27, canta o Elisio o S. Pedro com outras oito Trovas felizes.

Ambos os Santos contentes 1

## Nossa S.3 das Dores

TROFA GRANDE ROMARIA

Nos dias 21, 22, 23 e 24 do corrente, nesta risonha terra, realizar-se-ão grandes festejos em honra de Nossa Senhora das Dores, no aprazível Parque onde se encontra a linda capelinha. Uma comissão cheia de bairrismo e dinamismo fez já espalhar pelo país um artístico cartaz e programas anunciando as festas que prometem ser brilhantíssimas.

Haverá solenidades religiosas a grande instrumental, imponente e majestosa procissão com os seus característicos andores, iluminação feérica, sessões de esplêndido fogo do ar, concertos por duas bandas de música—Polícia do Porto e Banda musical de Vila Verde. Grande e atraente feira de sementes. Arraial constante com muitos divertimentos e ainda o tradicional leilão de ofertas. Serviço especial de combóios.

A comissão reúne constantemente e tem trabalhado com ardor, estando portanto a Trofa em foco, onde virão, de muito longe, osromeiros e devotos de Nossa Senhora das Dores.

## BRANCAS

A acreditada Água de Colónia

Min-Hór

faz regressar, em poucos dias, os cabelos à cor que tinham de antes. Este maravilhoso efeito é devido à acção do oxigénio do ar sobre o pigmento capilar, combinado com princípios essenciais de

### M I N - H Ó R

Usa-se como uma loção ao pentear-se.

LIMPO, SIMPLES, SEGURO. NÃO É TINTURA.

Vende-se na

FARMÁCIA "HÜRUS" — GUIMARAES

# Agente Transitário

Exportado e importado. Soa KeiBlha ou eolrepa ao Domlillid.

À n n n /

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R\* de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e g1074—Mat. 647—Est. 57

# Uma petição justa P R E V E N Ç Ã O

Pedem-nos alguns moradores da rua Cap. Alfredo Guimarães para lembrarmos à Câmara a necessidade de aquela arteira ser dotada de passeios decentes e que ofereçam comodidade, obstando-se, ao mesmo tempo, que a umidade cause estragos nos prédios, como se tem verificado em alguns.

Porque achamos justíssima a petição, aqui lhe damos o devido acolhimento, certos de que providências serão tomadas.

## TUBOS GBLUIIUIZIDDS!...

Únicos importadores no Concelho:

A Competidora de Representações, Lda importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.

R. da Rainha n.º 115—Tel. 4523 GUIMARAES

## ESCLARECENDO

No intuito de esclarecer factos propositadamente adulterados num comunicado recentemente publicado nos jornais locais, a Comissão das Festas da Cidade informa que a suspensão dos serviços da Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães foi decidida depois de sucessivas faltas por esta cometidas, da responsabilidade, em primeiro lugar, do seu regente, cujas atitudes infelizes culminaram, no aludido comunicado, ao pretender justificar uma agressão que, por traçozeira e em absoluto inexplicável, mereceu a mais viva repulsa de todas as pessoas de bem.

A Comissão.

# «CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 P E V I D É M End. Teleg. CARI

1170-15B-1954



COMARCA DE GUIMARAES Secretaria Judicial

## ANÚNCIO

1.a publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito, Primeiro de Guimarães e 1.a secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução sumária que Francisco Pinto Lisboa, Sucessor, com sede no lugar de Pevidém, freguesia de São Jorge de Selho, desta co-

Para INSTALAÇÕES ELÉGTRICAS de qualquer género consultem;

J. MONTENEGRO

TUDO PARA ELECTRICIDADE = ORÇAMENTOS = Largo 28 de Maio, 78-1.\*—Tel. 4510 GUIMARAES 224

António Pereira Leite de Magalhães e Couto, da Casa de Junife, Felgueiras, tendo conhecimento que alguém abusou ou procura abusar criminosamente do seu nome, falsificando a sua assinatura, previne todas as pessoas bem intencionadas, de que nunca assinou e jamais assinará, letras ou documentos que envolvam a sua responsabilidade como fiador de quem quer que seja, ainda mesmo que se trate de pessoas de família. Serão entregues à polícia e relegados aos tribunais quem apresente documentos nas condições indicadas.

Guimarães, 10 de Agosto de 1954.

António Pereira Leite de Magalhães e Couto. 337

## CA O A VENDE-SE

Com rés-do-chão e dois andares e quintal que produz em média 5 pipas de vinho. Tem telefone e luz eléctrica. Situada junto da estrada. Lugar das Quintães — Serzedo.

Para tratar: na mesma, ou por favor em Guimarães Manuel Fernandes Carneiro. 327

## Cachorros Lobos-Alsácia

Vendem-se. Falar no Posto Clínico n.º 72 (A. S. Francisco)—Guimarães. 332

Perdeu-se desde a Pensão de Guimarães até à Clarinha. Informa a redacção. 333

## Trespassa-se

tabelecimento industrial, no centro da cidade, podendo ser adaptado a outro negócio. 334

## Anuncial no Notícias de Guimarães

# CASA ESTRELA SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-125 Junto à Marisqueira) 185

Consertos e limpezas de calçado Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

marca, move contra António Monteiro Duarte, Limitada, sociedade por cotas de responsabilidade limitada, com sede nas Caídas da Rainha, correm éditos de Vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos desta executada, para no prazo de dez dias, findo 0 dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução. Guimarães, 30 de Julho de 1954.

O Chefe da 1.a secção

Alberto Fernandes Carreira, Verifiquei.

O Juiz de Direito, do 1.º Juízo,

Adriano Filipe Afonso. 338

## Declaração

José Manuel Martins, comerciante, torna público que, por escritura celebrada hoje, deixou de ser sócio da Sociedade do Calçado «Globo», L.\*, desta cidade, de cuja gerência efectiva, aliás, já não fazia parte há mais de dois anos.

Guimarães, 9 de Agosto de 1954. 339

Lads 1 asiitil t Ntticl de Galntriu

## FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

mmmt Clm

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF{comp72. 404 PORTO